

António Monteiro

Os Evangelhos Canónicos



Os quatro evangelistas, iluminura de c. 820, Catedral de Aachen, Alemanha.

Fraternidade Rosacruz Max Heindel

Centro Autorizado do Rio de Janeiro

Matriz: The Rosicrucian Fellowship

António José de Carvalho Monteiro



Filósofo e escritor português, membro da Rosicrucian Fellowship.

Reflexões de Um Estudante Rosicrucista

Apresentação

António José de Carvalho Monteiro, nascido em Lisboa em 4 de Março de 1934, é Estudante Rosicrucista, associado à The Rosicrucian Fellowship, desde 1977. É autor de diversos artigos e ensaios divulgados no âmbito do Centro Rosacruz Max Heindel, em Portugal, alguns dos quais se encontram disponíveis nesta página dedicada ao idealismo rosacruz: http://www.fraternidaderosacruz.org/antonio_monteiro.htm, e das seguintes obras publicadas:

- **A Ordem Rosacruz**, Publicações Europa-América, Lda, Mem Martins, 1981
- **O Que é Fátima?**, Hugin Editores, Lisboa, 2000

O estudo de diversas correntes ocultistas as quais o autor se dedicou desde uma longínqua juventude levaram-no à conclusão de que a mais lógica, abrangente e elucidativa é a Filosofia Rosacruz, na qual se insere um conjunto de conhecimentos espiritualistas que, entre 1909 e 1919, foram dados a conhecer por Max Heindel através de uma notável bibliografia em que se destaca a obra básica The Rosicrucian Cosmo-Conception (Conceito Rosacruz do Cosmos).

Mas os ensinamentos de Max Heindel não se limitam a transmitir-nos conhecimentos ocultistas – incentivam-nos a desenvolver as nossas potencialidades espirituais e intelectuais, uma das quais é a intuição metafísica que nos permite fazer a nossa própria interpretação de alguns

passos ocultistas menos desenvolvidos ou até omissos; se o fazemos da forma correcta, ou não, um dia veremos!

O autor considera A Filosofia Rosacruz uma corrente de pensamento ocidentalista e cristão que visa a evolução espiritual do ser humano através do desenvolvimento harmonioso da via ocultista e da via mística.

É nesta ordem de ideias que a presente série “**Reflexões de um Estudante Rosicrucista**” se insere, contendo um conjunto de artigos de sua responsabilidade onde analisa, em termos eminentemente especulativos, determinados assuntos, tendo em vista uma conclusão interpretativa tão lógica quanto possível, já que, como diz Max Heindel, “a lógica é o melhor mestre em qualquer mundo”.

Para além destes exercícios espiritualistas o autor, cuja obra o qualifica como um avançado Estudante Rosicrucista, apresenta alguns textos meramente informativos, bem como um resumo do Conceito Rosacruz do Cosmos aspirando ajudar aqueles que começam a interessar-se por estes assuntos, razão pela qual sugere que seja o primeiro texto da série a ser lido.

O 17º volume desta série é dedicado à uma profunda pesquisa sobre **Os Evangelhos Canónicos**.

António Monteiro

OS EVANGELHOS CANÓNICOS

I

Quem ler os Evangelhos Canónicos com algum sentido crítico não deixará de se surpreender com as diferenças, contradições e até absurdos que vai encontrando em todos os textos.

A primeira surpresa será o facto das genealogias de Jesus traçadas por Mateus (Mt 1, 2-16) e por Lucas (Lc 3, 23-38) serem diferentes: enquanto o primeiro começa em Abraão, o segundo ascende ao próprio Deus; a seguir a David, Mateus diz que Jesus descende de Salomão, enquanto Lucas diz que descende de Nathan; pelo meio ficam diversos antepassados com nomes bem diferentes. Esta desigualdade tem sido uma dor de cabeça para os exegetas e as soluções que têm avançado não são muito convincentes.

A surpresa seguinte serão três episódios somente contados por Mateus: a visita dos Magos (Mt 2, 1) guiados pela chamada Estrela de Belém (Mt 2, 2), a fuga para o Egipto (Mt 2, 13-15) e, sobretudo, a matança dos inocentes (Mt 2, 16); nenhum dos outros evangelistas os refere! Aliás, nenhum historiador profano da época fala de uma “matança de inocentes”, o que não poderia deixar de fazer se tão hediondo crime tivesse realmente acontecido.

Marcos diz que Jesus foi crucificado no dia a seguir à ceia da Páscoa (Mc 14, 12, 15 e 25), mas João diz que foi no dia anterior (Jo 19, 14) e daí o facto de não se referir à Última Ceia nem a Eucaristia, ao contrário dos outros evangelistas.

Nem Mateus nem João falam da Ascensão de Cristo aos céus, um dogma fundamental da Igreja citado, apenas, por Marcos (Mc 16, 19) e Lucas (Lc 24, 51). Mas até Lucas se contradiz: enquanto no evangelho situa a data da Ascensão no dia da Ressurreição (Lc 24), em Actos de Apóstolos, de que é autor, diz que ocorreu quarenta dias depois (Ac 1, 3)!

Outra surpresa será, por certo, o Evangelho de João; enquanto se pode estabelecer um certo paralelismo entre os três primeiros, e daí a sua designação de sinópticos, o último fica totalmente de fora. João é o único que situa o seu texto num âmbito cósmico, que põe toda a ênfase na divindade do Cristo e não no aspecto humano de Jesus, pelo que não levanta árvores genealógicas nem refere o seu nascimento; João narra episódios que não constam dos sinópticos, como as conversas de Jesus com Nicodemus e com a samaritana, e não cita uma única parábola como fazem os outros evangelistas que privilegiam esta forma de ensinamentos. E vai mais longe ao desenvolver o enigmático tema do *Paraclete*¹ (Jo 14, 15-17, Jo 14, 26, Jo 15, 26, Jo 16, 7-8, Jo 16, 13-14, e 1 Jo 2, 1-2), que analiso no meu artigo *Christian Rosenkreuz – Um Estudo Biográfico*.

¹ Lucas teria já feito uma breve referência ao escrever: *Eu [Jesus] vos mandarei o Prometido de meu Pai* (Lc 24, 49).

Para além destas divergências, que se compreenderão se se considerar a sua verdadeira natureza, todos os evangelhos apresentam erros de tradução e sobretudo de cópia, alguns por certo fortuitos, mas outros intencionais porque havia que salvaguardar passagens da doutrina oficial da Igreja que não encontram eco nos primitivos textos cristãos.

Erros de tradução

Um erro clamoroso é o que se lê em Marcos 4, 10-12:

10 Quando se acharam a sós, os que o cercavam e os Doze indagaram dele o sentido da parábola.

11 Ele disse-lhes: A vós é revelado o mistério do Reino de Deus, mas aos de fora tudo se lhes propõe em parábolas,

12 A fim de que olhando, olhem e não vejam, e ouvindo, ouçam e não entendam, não suceda que se convertam e sejam perdoados (o sublinhado é meu).

Como é evidente, esta parte final é totalmente absurda. A tradução correcta do versículo 12 é a seguinte:

12. A fim de que olhando, olhem e não vejam, e ouvindo, ouçam e não entendam, não suceda que voltem sobre os seus passos e se desliguem².

Outro erro é a tradução das palavras gregas *sarks* e *monoguenous*. Em João lê-se:

1, 14 E o Verbo fez-se homem e habitou entre nós, e nós vimos a Sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho único cheio de graça e verdade (o sublinhado é meu).

Ora o que na primeira oração está escrito em grego é *kai o logos sarks egueneto*, cuja tradução não é propriamente a transcrita, mas sim *E a Palavra foi matéria*, uma vez que a palavra *sarks*, que tem sido traduzida como *homem*, significa *matéria*, e apenas em sentido figurado se poderá traduzir como *homem*, ou *carne*, mas sempre em oposição a espírito; daí que, na nossa língua, *matéria* me pareça o termo mais adequado.

Outra errada tradução é a de *monoguenous* como *Filho único*; esta palavra significa *uma só origem*, no sentido de *gerado por um só ser*, o que, em boa verdade, corresponde muito melhor à imagem do Ser Supremo a *emanar*, ou *gerar*, o *Verbo*, ou a *Palavra*, do que a *gerar um filho único*.

Celso (sec. II), um opositor do Cristianismo, disse que *Alguns crentes, como se estivessem alcoolizados, vão ao ponto de se opor a si próprios e alteram o texto do Evangelho três ou quatro vezes, mudando o seu carácter para lhes permitir negar dificuldades perante as críticas.*

João, prevendo a possibilidade de os copistas alterarem o texto, teve o cuidado de no final do Apocalipse lançar uma terrível imprecação: *Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro (Ap 22, 18-19).*

² Este erro está analisado por António de Macedo em *Laboratório Mágico*, pp. 68 e 69.

Erros das cópias

A situação agrava-se quando, ao longo de mais de dezasseis séculos, se foram fazendo cópias sobre cópias onde o erro humano era inevitável. Já Séneca (4 aC-65 AD) dizia que muitas vezes se rasgavam manuscritos por estarem cheios de erros (*Da Ira*), e Orígenes (185-254) disse que *As diferenças entre os manuscritos* [do Novo Testamento] *tornaram-se muito grandes, ou pela negligência de muitos copistas, ou pela audácia perversa de outros; ou negligenciaram verificar o que transcreveram, ou então fizeram adições e cortes como lhes apeteceu.*

O exemplo clássico de um acrescento é o episódio da mulher adúltera, constante do Evangelho de João (Jo 8, 3-11). Trata-se de uma história muito comentada durante a tradição oral do ministério de Cristo e que se admite que um copista a tenha referido à margem do manuscrito, mas um outro tenha achado por bem inseri-la no corpo do evangelho; daí o facto de haver um manuscrito onde este episódio vem a seguir a Lucas 21, 38! Por outro lado, em João parece deslocada e é omissa quanto ao homem com quem a mulher cometeu adultério o qual, pela lei de Moisés, deveria ser igualmente apedrejado (*Levítico* 20, 10).

Outro provável acrescento é todo o capítulo 21 do Evangelho de João, o qual terminaria com a afirmação de que *Fez Jesus, na presença dos seus discípulos, ainda muitos outros milagres que não estão escritos neste livro, Mas estes foram escritos, para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome* (Jo 21, 30-31. Todos os outros 25 versículos que se seguem parecem espúrios.

Outro acrescento terá sido os versículos 17 e 18 do último capítulo do Evangelho de Marcos, os quais não constam dos manuscritos mais antigos.

Em contrapartida houve seguramente cortes nas cópias mais antigas. Por exemplo, em Marcos 10, 46 diz-se que *Chegaram a Jericó. Quando ia a sair de Jericó com os Seus discípulos e uma grande multidão...etc.* É evidente que este versículo está truncado, até porque Mateus e Lucas, ao relatarem o mesmo episódio, explicam detalhadamente o que se passou em Jericó (Mt 20, 29-34 e Lc 19, 1-28); curiosamente, com o Evangelho Secreto de Marcos ficamos a saber que o evangelista quis referir qualquer coisa relacionada com a “ressurreição” do jovem de Betânia, mas omitiu-a, limitando-se a dizer *E a irmã do jovem que Jesus amava [Lázaro] e sua mãe e Salomé estavam ali [em Jericó], e Jesus não as recebeu.*

Erros acidentais

Muitos erros terão sido causados por cansaço ou distração.

Um erro frequente é o *periblesis* (salto dos olhos) provocado por *homoeoteuton* (finais iguais), ou seja, quando duas linhas terminam com a mesma palavra, o copista, ao acabar de copiar a primeira linha, volta a olhar, lê na segunda linha a palavra que acabara de escrever e prossegue com a terceira linha sem notar que omitiu a precedente. Por exemplo, em Lucas 12, 8-10 diz-se:

8 *Digo-vos: todo o que me reconhecer diante dos homens, também o Filho do Homem o reconhecerá diante dos anjos de Deus;*

9 *mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus.*

10 *Todo aquele que tiver falado contra o Filho do Homem obterá perdão ... etc.*

Porém, num dos mais antigos manuscritos vem:

Digo-vos: todo o que me reconhecer diante dos homens, também o Filho do Homem o reconhecerá diante dos anjos de Deus;

Todo aquele que tiver falado contra o Filho do Homem obterá perdão ... etc. (à data ainda os textos não tinham sido divididos em capítulos e versículos).

Neste caso, o copista confundiu o final da primeira linha com o final da segunda e omitiu a passagem relativa ao versículo 9.

Há, porém, erros desastrosos. Em João 17, 15, Jesus ao orar a Deus pede-lhe pelos seus seguidores: *Não vos peço que os afasteis do mundo, mas que os afasteis do maligno*; no Códice Vaticano do sec. IV, o copista confundiu as duas palavras *afasteis* e escreveu *Não vos peço que os afasteis do maligno*.

Outros erros são risíveis. Num velho manuscrito do Evangelho de Lucas a genealogia de Jesus vem exposta em duas colunas, uma com mais linhas do que a outra. O copista, em vez de copiar uma coluna e depois a outra, copiou a primeira linha, depois a segunda e assim sucessivamente; daqui resultou que o pai da raça humana é um homem chamado Farés (Lc 3, 33) e que o próprio Deus é filho de Arão (Lc 3, 33)!

Tipificados que foram os erros de que sofrem muitas cópias dos evangelhos, vejamos agora as sua verdadeira natureza a fim de se compreenderem as diferenças que apresentam entre si.

II

Ao longo dos primeiros tempos da nossa era foram-se formando igrejas cristãs em todo o Império Romano, onde se praticavam diversas religiões pagãs com os seus ritos iniciáticos secretos, sendo dominantes o culto de Ísis e principalmente o de Mitra.

Ísis era a filha primogénita de Geb, deus da Terra, e de Nut, deusa da Abóboda Celeste, também pais de Osíris, Nephthys e Set. Os antigos egípcios veneravam-na como o paradigma de mãe e esposa, mas também como padroeira da natureza e da magia, protectora de escravos, pecadores e oprimidos. Ísis desposou o seu irmão Osíris e teve um filho, Hórus. Porém, antes do seu nascimento Set matou Osíris por intrincados motivos passionais que envolveram a jovem Nephthys e Osíris. Depois de dar à luz Hórus. Ísis recorreu à Magia para ressuscitar o seu irmão e marido, e para salvar o filho da ira de Set.

O seu culto chegou ao mundo grego nos finais do século IV a.C., onde Isis foi identificada com Deméter, e nos finais do século I a.C. ao Império Romano, onde rivalizava com Ceres. Porém, os seus ritos começaram a perder popularidade quando a classe dominante os considerou obscenos e susceptíveis de minar a moral romana, mas Calígula (12 AD - 41) recuperou-os neles participando vestido de mulher. Assim, Ísis tornou-se a principal deusa do mundo mediterrânico até que a Igreja fez decrescer o seu

culto “cristianizando” alguns dos seus ritos e títulos, como *Rainha dos Céus*, *Mãe de Deus* ou *Theotokos* (que transportou Deus), que passaram a designar a Virgem Maria. Mas o Cristianismo não conseguiu exterminar o culto de Ísis, que ainda hoje é prestado por movimentos espiritualistas neo-pagãos, como a *Wicca*, e divulgado pela *Fraternidade de Ísis*, criada em 1976, na Irlanda, por Lady Olivia Robertson, Lawrence e Pamela Durdin-Robertson.

Dos seus mistérios sabe-se que o processo iniciático passava pela transmutação alquímica das forças espirituais. Na profundeza do espírito repousa um ser humano diferente, divino, ao qual se apelava como se apela às forças interiores da Terra. O discípulo procurava vencer o amor-próprio, o egoísmo e cultivar o sentimento de amor para com todos os seres humanos e todas as entidades; entretanto tomava conhecimento das terríveis e grandiosas forças naturais, para depois inspirar, para dentro da alma, a grandeza do pensamento universal, tornando-a forte e corajosa.

Mitra era um deus solar, salvador do mundo, que nasceu no Solstício do Inverno, filho de uma virgem, Anahita, e que morreu crucificado no equinócio da Primavera. O seu culto surgiu na Pérsia por volta do ano 400 a.C., espalhou-se para Ocidente e chegou ao Império Romano em meados do século I a.C., onde lhe foi acrescentado um mito cósmico, o do sacrifício de um touro³, tendo sido adoptado pelos legionários que assim procuravam a protecção dos deuses nos campos de batalha ou, se morriam, no além; daí que, em 303 A. D., o imperador Diocleciano (245-313), antigo militar, tenha declarado o deus Mitra *Sol Invictus*, Protector do Império Romano.

Nos mistérios mitraicos ensinava-se a evolução do Universo e o destino da humanidade, desenrolando-se as cerimónias no secretismo de caves e grutas. A admissão à *Militia Mitrae*, que lutava contra *Ahriman*, o Mal e a Morte, era feita baptizando o candidato com sangue de um touro, após o que o grão-pontífice fazia o sinal da cruz na sua frente; seguia-se a comunhão com pão e vinho, segundo uns, ou pão e água, segundo outros, abrindo-se, então, ao neófito uma via iniciática com sete passos que lhe iam conferindo, sucessivamente, os títulos de *Corax* (corvo), *Nymphus* (noivo), *Miles* (soldado), *Leo* (leão), *Peres* (persa), *Heliodromus* (curso solar) e *Pater* (pai), passos esses que se encontravam sob a protecção dos sete astros então conhecidos, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Lua, Sol e Saturno, respectivamente.

Estes cultos e outros que os antecederam, tinham muito em comum com o Cristianismo nascente; já Paulo, na sua carta aos Efésios, escrevera *Por isso, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas.* (Ef 3, 4 e 5), e Santo Agostinho (354-430) afirmou, em 428, que (...) *o que hoje se denomina religião cristã existia na antiguidade e desde a origem do género humano até que Cristo se encarnou, e é dele que a verdadeira religião que já existia começou a chamar-se cristã* (...) ⁴. E, de facto, aquilo que fluía do Universo e aflorava a alma, como se ensinava nos mistérios, iria descer sobre a nossa evolução terrestre como divindade universal: o Cristo.

Foi com estas religiões e mistérios que as primitivas igrejas tiveram de lidar, e fizeram-no de forma inteligente ao adoptarem, com naturalidade, muitas das suas

³ Este mito tem a ver com a descoberta do fenómeno da precessão dos equinócios, feita por volta de 128 a.C. pelo célebre astrónomo grego Hiparcos.

⁴ In *Les Rétractations*, Livre Premier, Chapitre XXX, 3 (...) *ce qui se nomme aujourd'hui religion chrétienne, existait dans l'antiquité et dès l'origine du genre humain jusqu'à ce que le Christ s'incarnât, et c'est de lui que la vraie religion qui existait déjà, commença à s'appeler chrétienne* (...).

crenças, mitos e práticas ritualistas, até que nos finais do século IV o Cristianismo se tornou suficientemente forte para substituir Ísis e Mitra por Jesus.

A Igreja tem de agradecer este ascendente ao imperador pagão Constantino, o Grande (c. 272-337), o qual, tendo em vista garantir a unidade do seu império que ameaçava fragmentar-se, promulgou em 313 o Édito de Milão, pelo qual o Cristianismo foi reconhecido como uma das religiões autorizadas no Império Romano, e converteu-se à nova fé no leito de morte. Mas a religião que o imperador promoveu era uma mescla de Cristianismo e Paganismo, já que em muitas regiões prosseguiram os cultos pagãos tradicionais que nem o primeiro concílio ecuménico, realizado em 325 em Niceia, conseguiu extinguir. O “golpe de misericórdia” em Ísis e em Mitra foi desferido em 380 por Teodósio, o Grande (c. 346-395), ao elevar o Cristianismo a religião oficial do Império Romano e estabelecer a pena de morte para os seguidores das seitas heréticas extremistas.

III

Para falar sobre Jesus e pregar os seus ensinamentos, as primeiras igrejas basearam-se na tradição oral, mas logo que apareceram os primeiros documentos escritos⁵ foram adoptando-os, porém segundo critérios muito díspares, o que, a partir dos finais do século I, deu origem ao aparecimento de correntes de pensamento que mais tarde iriam ser consideradas heréticas, como o Gnosticismo, Arianismo, Donatismo e outras. Muitos desses primitivos textos perderam-se, enquanto outros chegaram ao nosso conhecimento apenas por terem sido citados por autores eclesiásticos a fim de os refutarem, sendo de destacar, neste campo, Ireneu (140 - 202), bispo de Lion, e a sua famosa obra *Contra as Heresias*.

Esta falta de unidade doutrinária cedo começou a preocupar as figuras de destaque do Cristianismo, como Ireneu, que defendeu a existência de quatro evangelhos, *nem um a mais nem um a menos*⁶; porém, a pluralidade de critérios somente iria terminar com a definição do cânone do Novo Testamento estabelecido no Sínodo de Roma (382) e nos concílios de Hipona (393) e de Cartago (397).

Conta a tradição que a escolha dos evangelhos *verdadeiros* foi feita por *eleição milagrosa*. Depois dos bispos terem rezado muito, quatro dos numerosos textos apresentados voaram por si sós e foram poisar sobre um altar; a seguir, os bispos puseram todos os textos sobre esse altar e os que iriam ser considerados apócrifos caíram no chão, enquanto aqueles quatro permaneceram imóveis; depois, pediram a Deus que, caso nestes quatro evangelhos houvesse alguma palavra falsa, os fizesse tombar, o que não sucedeu; finalmente, o Espírito Santo entrou na sala do concílio sob a forma de pomba e, poisando no ombro de cada um dos bispos, foi-lhes sussurrando ao ouvido os títulos dos evangelhos autênticos e dos falsos. Certamente que alguns dos prelados eram surdos, pois os quatro evangelhos canónicos foram aprovados... mas não por unanimidade.

Penso que a escolha destes evangelhos nada teve a ver com rezas episcopais nem visitas columbinas, mas com outra realidade bem diferente. Não conheço as actas do

⁵ As Cartas de Paulo e o Evangelho de Marcos foram os primeiros textos de entre os que iriam ser considerados canónicos.

⁶ Cf. *Against Heresies*, Book III, Chapter XI, nº 8.

sínodo e dos concílios em causa, mas admito que os participantes, ao discutir este problema, tenham começado por separar todos os escritos em três categorias:

- os que não passavam de piedosas fábulas ou historietas infantis, como o *Evangelho do Pseudo-Tomé*, o *Proto-Evangelho de Tiago*, *História de José, o Carpinteiro*, a *Epístola do rei Abgar a Jesus* e a *Epístola de Jesus ao rei Abgar*, e outros;
- os que não podiam ser dados a conhecer às massas e tinham de ficar secretos, reservados apenas a iniciados, isto é, **apócrifos**, pois é este o significado literal deste termo grego; nesta categoria terão ficado todos os textos gnósticos, nomeadamente os que séculos depois iriam ficar conhecidos como *Biblioteca de Nag Hammadi*, como o célebre *Evangelho de Tomé*, *Pistis Sophia*, *Evangelho de Filipe*, etc.⁷;
- os que podiam e deviam ser dados a conhecer às massas, nos quais as passagens *apócrifas* eram dissimuladas por metáforas e alegorias; nesta categoria ficaram apenas quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João, respeitando-se, assim, a opinião do influente Ireneu, aos quais se juntaram Actos de Apóstolos, vinte e uma epístolas⁸ e o Apocalipse, completando-se, assim, o cânone do Novo Testamento.

Entretanto, algumas igrejas foram cristianizando as escolas de mistérios pagãos dando assim origem a um Cristianismo esotérico e aos primeiros iniciados cristãos. É o que se depreende, claramente, de diversas passagens do Novo Testamento, como Marcos 4, 11, já citada, Actos de Apóstolos 1, 3, II Coríntios 12, 1-6, Efésios 3, 3-5, etc., bem como de alguns escritos dos Padres da Igreja.

Inácio, bispo de Antioquia (67 - 110 d.C.) e discípulo do Apóstolo João, diz de si mesmo: *Eu não sou ainda perfeito em Jesus Cristo, pois começo agora a ser discípulo e vos falo como a meus condiscípulos*; e refere-se aos seus correspondentes como tendo sido iniciados nos mistérios do Evangelho⁹.

Em *Stromata*, Clemente de Alexandria (c.150 - c. 215) é mais claro ao dizer *O Senhor permitiu comunicarmos estes Mistérios divinos e esta santa luz aos capazes de os receber, Certamente Ele não revelou à massa o que não pertence à massa. Mas revelou os Mistérios a uma minoria capaz de os receber e concordar com eles*¹⁰.

Orígenes (c. 185–254), considerado por muitos o mais sábio dos Padres da Igreja, ao atacar Celso por este ter acusado o Cristianismo de ser um sistema secreto, diz que se certas doutrinas eram secretas, muitas outras eram públicas, e que este sistema de ensino exotérico e esotérico adoptado pelos cristãos era igualmente usado pelos filósofos¹¹.

⁷ Sobre os apócrifos, cf. *The Apocryphal New Testament, Les Evangiles Apocryphes*, bem como diversos sites na Internet.

A *Biblioteca de Nag Hammadi* é um conjunto de cinquenta e dois tratados, na sua maioria gnósticos, quarenta dos quais eram desconhecidos, e que foram encontrados em 1945 numa gruta nas proximidades de Nag Hammadi, no Egipto. Os tratados são traduções do grego para copta feitas no século IV, provavelmente por monges de um mosteiro situado a cerca de cinco quilómetros da gruta.

⁸ 14 são atribuídas a Paulo, embora apenas 7 sejam, seguramente, da sua autoria, 1 de Tiago, 2 de Pedro, 3 de João e 1 de Judas Tadeu.

⁹ *Martírio de Inácio*, Cap. X e *Epístola de Inácio aos Efésios*, Cap. XII, citados em *O Cristianismo Esotérico*, p. 48

¹⁰ *Stromata I*, vol. IV, Cap. XXVIII, citado em *O Cristianismo Esotérico*, p. 50.

¹¹ In *Contra Celso*, citado em *O Cristianismo Esotérico*, p. 57.

IV

Penso que as principais igrejas que cristianizaram as antigas escolas de mistérios e as mantiveram até finais do século IV, terão sido as de Jerusalém, Alexandria, possivelmente Antioquia, e Éfeso.

A Igreja de Jerusalem foi dirigida durante dezoito anos por Tiago Menor, presumido irmão de Jesus, e a sua escola de mistérios menores estava vocacionada para os judeus da Palestina convertidos ao Cristianismo. Algumas das suas instruções iniciáticas constam como alegorias do Evangelho de Mateus, onde se reflectem ensinamentos de Mathai, um dos cinco discípulos do célebre mestre ocultista Jeshua ben Pandira¹² (sec II – I a.C), o qual, por vezes, é confundido com Jesus, um erro que aparece em algumas obras ocultistas, nomeadamente teosofistas.

A Igreja de Alexandria foi criada, por volta do ano 67, por Marcos quando abandonou Roma após o martírio de Pedro e se instalou naquela cidade egípcia; naturalmente que o evangelho seguido foi o que tinha escrito em Roma quando acompanhava Pedro, mas à sua escola de mistérios menores deu um outro evangelho, do qual apenas se conhecem algumas passagens¹³; ainda assim, o seu evangelho público, destinado aos cristãos fora da Palestina, contém algumas fórmulas de iniciação bem curiosas, como o episódio do jovem que em Getsêmani seguiu Jesus coberto somente por um pano de linho (Mc 14, 51-52).

A escola de mistérios, também menores, que transparece do terceiro evangelho canónico suponho que tenha sido a de Antioquia já que a tradição diz ter sido esta a cidade onde Lucas nasceu e morreu. O seu evangelho é mais universalista do que os outros sinópticos e apresenta uma forte componente mística, embora algumas passagens sejam ocultistas, como a “ressurreição” do filho da viúva de Nain (Lc 7, 11-17), uma versão resumida da “ressurreição” de Lázaro (Jo 11, 1-44)¹⁴.

A Igreja de Éfeso, na Ásia Menor, foi criada por João após a sua saída de Patmos, em 98, para onde tinha sido desterrado por Domiciano, e a escola que lhe estava agregada era a única de mistérios maiores.

* * *

As escolas de mistérios menores ensinavam a consagrar a força criadora a propósitos espirituais em detrimento dos passionais; o aspirante era convidado a recordar aquilo em que tivesse falhado, a arrepende-se e a prosseguir o seu trabalho inicial (Ap 2, 5); aquele que vencia ficava autorizado a *comer da Árvore da Vida* (Ap 2, 7), símbolo do poder que lhe possibilitaria uma vida terrena tão longa quanto desejasse; era o poder da cura, por isso o de manter indefinidamente o corpo físico. Assim, aquele que conseguisse regenerar o uso da força criadora conquistaria o poder da cura. Das escolas de mistérios maiores, de que o Evangelho de João é uma fórmula iniciática, como os exemplos acima apontados indiciam, nada mais se sabe.

Nos finais do século IV, com a unificação do Cristianismo, Igreja terá extinto a maioria das escolas de mistérios, mas creio que mantenha pelo menos uma para a iniciação de alguns papas e altos dignitários.

¹² Cf. *O Evangelho segundo Mateus*, pp 103-105.

¹³ Vide meu artigo *O Evangelho Secreto de Marcos*.

¹⁴ Vide meu artigo *A “Ressurreição” de Lázaro*.

V

Muito embora creia que apenas um iniciado seja capaz de ler correctamente os Evangelhos Canónicos, atrevo-me a propor uma interpretação muito pessoal - e ousada - de alguns prodígios atribuídos a Jesus, como curas, domínio das forças da Natureza, “ressurreições”, etc. Por ser o símbolo de um importante ponto de viragem da espiritualidade começo pelo episódio da figueira, cuja explicação tem sido uma dor de cabeça para exegetas e hermeneutas.

A figueira

Mateus e Marcos contam, em termos semelhantes, que Jesus viu uma figueira e quis comer alguns figos porque sentiu fome; porém a árvore não tinha frutos e Jesus, num gesto aparentemente vingativo, fez com que ela secasse (Mt 21, 19-21 - Mc 11, 12-14). Lucas conta uma história um pouco diferente mas com idêntico desfecho (Lc 13, 6-9). João cita esta árvore num contexto diferente: Natanael estava debaixo de uma figueira quando Jesus o viu, e foi ao encontro do Senhor antes de Filipe o chamar (Jo 1, 47-51).

Há dúvidas sobre quem seria Natanael, havendo quem creia que Bartolomeu fosse o seu sobrenome. Se assim era, então um facto muito curioso é a tradição dizer que este apóstolo foi missionário na Índia, onde foi martirizado.

Penso que a figueira seja um símbolo do Budismo, uma vez ter sido sob esta árvore que Siddhartha Gautama, o Buda (c. 563 - 483 a.C.), recebeu a iluminação e descobriu a solução para a libertação do ciclo das existências e mortes que o atormentava. Buda criou então uma doutrina que no decurso dos séculos V e IV a.C. foi adoptada pelos povos orientais como religião de raça.

Ora uma das missões de Cristo na Terra era a eliminação das religiões de raça e a sua substituição por uma religião universalista adequada a toda a Humanidade, o Cristianismo.

Assim, creio que a morte da figueira, contada por Mateus, Marcos e Lucas, simboliza o fim do Budismo num futuro mais ou menos próximo; Natanael, que para seguir Jesus saiu debaixo de uma figueira, simbolizará o abandono daquela região de raça e a sua ida para a Índia representará a suplantação do Budismo pelo Cristianismo.

Transformação da água em vinho

Este foi o primeiro “milagre” realizado por Jesus e é relatado unicamente por João (Jo 2, 1-11). Em minha opinião é um símbolo da conveniência, se não mesmo necessidade, de ter Cristo-Jesus sempre presente em todos os nossos actos, sejam eles quais forem. E João deixou este facto bem vincado ao dizer que *Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento* (Jo 2.2).

Domínio das forças da Natureza

Contam os evangelhos que Jesus acalmou uma violenta tempestade (Mt 8, 23-27, Mc 4, 37-41 e Lc 8, 22-25) que se desencadeou quando, acompanhado pelos discípulos, fazia a travessia de um lago numa barca onde dormia tranquilamente; atemorizados, os seus companheiros acordaram-no e ele limitou-se a ordenar aos ventos e ao mar – ou seja, a silfos e elfos¹⁵ - que se acalmassem e remetessem ao silêncio.

Este episódio encerra um ensinamento iniciático - o do candidato ter de dominar a Magia a fim de poder entrar em contacto com os elementais e obter deles segredos necessários ao seu avanço evolutivo.

Um outro acto de Magia Branca praticado por Jesus terá sido a utilização da sua saliva misturada com terra, para “curar” um cego (Jo 9, 6).

Multiplicação de pães e peixes

A descrição deste “milagre” apresenta facetas muito curiosas: uma é ter sido feita pelos quatro evangelistas em termos praticamente iguais (Mt 14, 14-22, Mc 6, 34-44, Lc 9, 11-17 e Jo 6, 5-13); outra é o facto de Mateus e Marcos contarem este “milagre” por duas vezes (Mt 15, 32-38 e Mc 8, 1-9), o que não significa que se trate de dois “milagres”; uma outra, ainda, é o facto deste “milagre” não ser inédito, uma vez que uns seis séculos antes, já o profeta Eliseu tinha alimentado cem homens com apenas vinte pães (II Rs 4, 42-44). Vejamos o essencial da sua versão neotestamentária.

Jesus era seguido por uma grande multidão: cinco mil homens, dizem os quatro evangelistas (*sem contar as mulheres e crianças*, acrescenta Mateus); porém, no segundo relato Mateus e Marcos reduzem a multidão para quatro mil.

Jesus quis alimentar a multidão, mas os seus discípulos disseram que apenas tinham cinco pães e dois peixes; na segunda vez, Mateus e Marcos dizem ser sete pães e *alguns* peixes. Por seu turno, João é o único que refere a presença de um menino com cinco pães de cevada e dois peixes.

Jesus disse aos discípulos para lhe entregarem os pães e os peixes e mandou a multidão sentar-se no chão; Marcos diz que se sentaram em grupos de cem e cinquenta, enquanto Lucas só refere grupos de cinquenta.

Jesus ergueu os olhos aos céus, deu graças e entregou os pães e peixes aos discípulos para os distribuírem pela multidão; todos ficaram fartos e no final ainda houve sobras que encheram doze cestos; na segunda vez que Mateus e Marcos contam o “milagre” reduzem os cestos para sete.

Seguidamente Jesus despediu a multidão e foi-se embora.

Confesso a minha dificuldade em interpretar este “milagre”, mas estou certo de que qualquer tentativa nesse sentido deve partir do princípio de que Jesus não fez “milagres” e o que vulgarmente assim se considera não passa de meras alegorias de instruções, ensinamentos ou conselhos de índole iniciática.

No caso em apreço, julgo que os *pães* e os *peixes* não são *alimentos físicos*, mas sim *alimentos espirituais*, isto é, ensinamentos cristãos que Jesus confiou aos seus discípulos para que eles os *repartissem* pelo povo judaico, um povo imaturo, incapaz de alcançar a verdadeira sabedoria (para saciar a fome) através de uma completa compreensão das Sagradas Escrituras, porque seguia uma religião de raça. Assim foi feito: o povo foi ordenado em grupos, ou *eclésias*, os *alimentos espirituais* foram

¹⁵ Silfos e elfos são as designações de espíritos elementais que vivem no ar.

distribuídos por todos, e os que sobraram, isto é, os que não foram aceites por alguns, foram recolhidos para mais tarde serem de novo distribuídos por outros.

Decorre esta tentativa de interpretação das seguintes analogias:

- o menino referido por João será um símbolo do povo judaico;
- os *grupos de 100 e 50* poderão representar a sua ordenação;
- os *cinco pães* representarão os cinco livros da *Torah*, ou *Lei*, judaica, e também os cinco livros do Pentateuco (Génesis, Êxodo, Números, Levítico e Deuterónimo);
- os *sete pães* poderão representar os seis apóstolos escolhidos pessoalmente por Jesus (Pedro, Tiago, João, André, Filipe e Bartolomeu) a que mais tarde se juntou Paulo;
- os *peixes* são, claramente, um símbolo de Jesus e da Era dos Peixes em que se desenvolveu o Cristianismo;
- os *doze cestos* poderão simbolizar os doze apóstolos (à data da redacção dos evangelhos Judas Iscariote já tinha sido substituído por Matias);
- e os *sete cestos* poderão simbolizar os sete diáconos eleitos pela comunidade cristã de Jerusalém para cuidarem dos pobres e dos ágapes comuns.

Mateus e Marcos, ao fazerem uma segunda versão do “milagre”, poderão ter querido salientar que a evangelização era uma prática contínua e não esporádica; talvez daí que, ao princípio, a multidão era de *5.000 homens* mas depois foi reduzida para *4.000* porque alguns judeus não se converteram ao Cristianismo.

Curiosa é a observação de Mateus de que a multidão era de 5.000, ou 4.000, homens, ***sem contar mulheres e crianças***; penso que o evangelista quis dizer que se estava perante uma preparação para uma fase superior, a da iniciação, para a qual os homens estariam melhor preparados do que as mulheres e, naturalmente, as crianças.

Jesus caminha sobre as águas

Este “milagre” ocorreu logo a seguir à “multiplicação dos pães e peixes” e é narrado por Mateus, Marcos e João (Mt 14, 22-31, Mc 6, 45-51 e Jo 6, 17-21).

Jesus mandou os seus discípulos para a outra margem do Mar da Galileia, despediu-se da multidão e subiu a um monte onde ficou a orar, enquanto no mar a barca era sacudida por uma forte ondulação. Pela quarta vigília (período compreendido entre as três e as seis da manhã), Jesus dirigiu-se ao mar e caminhou sobre as águas em direcção à barca. Ao vê-lo, os discípulos sentiram medo e pensaram tratar-se de um fantasma, mas Jesus tranquilizou-os dizendo quem era.

A partir daqui há divergências entre os evangelistas: Mateus diz que Pedro quis ir ao encontro de Jesus, mas teve medo quando o vento redobrou de violência; começou a afundar-se e gritou *Senhor, salva-me!* Jesus segurou-o pela mão e disse-lhe *Homem de pouca fé, por que duvidaste?* Marcos e João omitem a tentativa de Pedro, e o primeiro diz que Jesus subiu para a barca e o vento amainou, enquanto o segundo diz que quando os discípulos quiseram receber Jesus a bordo, a barca já tinham chegado ao seu destino.

A interpretação deste “milagre” é-nos dada por Max Heindel quando diz que Cristo tinha de abandonar, por vezes, os corpos denso e vital de Jesus a fim de serem entregues aos cuidados dos Essénios que os tratavam do desgaste sofrido pelas elevadas

vibrações a que estavam sujeitos¹⁶. Assim, o que os discípulos viram caminhando sobre as águas foi o corpo de desejos do Cristo que tomaram por um fantasma. A referência à tentativa falhada de Pedro de também caminhar sobre as águas apenas quererá salientar a grande diferença entre um ser humano e um alto espírito como o Cristo.

Duas grandes pescarias

Lucas e João falam-nos de duas grandes pescarias que Jesus proporcionou, uma das quais depois da Paixão (Lc 5, 1-11 e Jo 21, 1-14).

A interpretação destes “milagres” parece-me simples: se os “pescadores”, ou seja, os discípulos, actuarem em conformidade com os ensinamentos de Cristo-Jesus, apanharão muitos “peixes”, isto é, muitos fieis. Por isso o Senhor disse a Simão Pedro que daí em diante seria *pescador de homens* (Lc 5, 10), o que julgo ser extensivo a todos os seus discípulos.

Há dois pormenores curiosos citados por João: um, é Jesus ter especificado que as redes deviam ser lançadas à direita da barca (Jo 21, 6); outro é a pescaria se ter saldado em 153 peixes (Jo 21, 11), cuja soma teosófica dá 9, número que representa a humanidade. Penso que estes dois pormenores significam que, se os seus discípulos seguirem com rigor as suas instruções, converterão ao Cristianismo todos os homens.

Curas

As enfermidades que os quatro evangelistas dizem ter sido saradas por Jesus são possessões, febre, lepra, paralisia, atrofia, cegueira, mudez, hemorragia, hidropisia e mutilação, num total de vinte e quatro:

Curas	Mateus	Marcos	Lucas	João
Um leproso	8,2-4	1,40-42	5,12-13	
O servo de um centurião romano	8,5-13		7,1-10	
A sogra de Pedro	8,14-15	1,30-31	4,38-39	
Dois gadarenos, ou gerasenos	8,28-34	5,1-15	8,27-35	
Um parálítico	9,2-7	2,3-12	5,18-25	
Uma mulher com hemorragia	9,20-22	5,25-29	8,43-48	
Dois cegos	9,27-31			
Um endemoninhado que não podia falar	9,32-33			
Um homem com a mão atrofiada	12,10-13	3,1-5	6,6-10	
Um endemoninhado cego e mudo	12,22		11,14	
A filha de uma cananéia	15,21-28	7,24-30		
Uma criança endemoninhada	17,14-18	9,17-29	9,38-43	
Dois cegos, um dos quais Bartimeu	20,29-34	10,46-52	18,35-43	
Um surdo e gago		7,31-37		
Um possesso na sinagoga		1,23-26	4,33-35	

¹⁶ Cf. *Conceito Rosacruz do Cosmos, Cap. XV, Jesus e Sua Missão*

Um cego de Betsaida		8,22-26		
Uma mulher encurvada			13,11-13	
Um homem com hidropisia			14,1-4	
Dez leprosos			17,11-19	
O servo do sumo sacerdote (Malco)			22,50-51	
O filho de um oficial em Cafarnaum				4,46-54
Um inválido à beira do tanque de Betesda				5,1-9
Um cego de nascença				9,1-7
Maria Madalena e outras mulheres			8,2	

Uma breve análise deste quadro permite-nos concluir que:

- 1º - Não há unanimidade por parte dos evangelistas nos seus relatos sobre curas;
- 2º - Nenhuma consta simultaneamente dos quatro evangelhos;
- 3º - Oito vêm nos três sinópticos e as restantes dezasseis são contadas por dois ou somente um evangelista;
- 4º - Lucas é quem dá testemunho do maior número de curas (16), seguido por Mateus (13) e Marcos (12);
- 5º - João é o que menos curas relata, limitando-se a três, e até omite a otoplastia citada por Lucas (22, 50-51) quando conta o mesmo episódio (Jo 18, 10).

Julgo bem que estas diferenças são uma consequência do facto dos três evangelhos sinópticos estarem relacionados com escolas de mistérios menores e o quarto evangelho com uma escola de mistérios maiores. Assim, as enfermidades cujas curas os evangelistas atribuem, naturalmente, a Jesus estarão relacionadas com os requisitos que as escolas de mistérios exigiam dos seus membros para poderem progredir na senda iniciática; daí o facto do Evangelho de João, por estar relacionado com os mistérios maiores, apenas referir três curas uma vez que os requisitos iniciais estariam já satisfeitos.

Um aspecto que penso corroborar esta situação é o chamado *segredo iniciático* ao abrigo do qual Jesus ordenou aos seus discípulos que não contassem a ninguém que tinha feito esta ou aquela cura. Outro aspecto é o facto de nenhum evangelista dizer que Jesus, depois de expulsar demónios, os auxiliou a libertarem-se das regiões mais densas evitando, assim, que fossem em busca de novas vítimas; bem pelo contrário, até mandou uns tantos para uma vara de porcos que se afogou num lago (Mt 8, 28-32); assim sendo, a expulsão de demónios poderá ser um símbolo relativo ao domínio do corpo de desejos do iniciando.

A lavagem dos pés

O episódio em que Jesus tirou as vestes, se cingiu com uma toalha, deitou água numa bacia, lavou os pés dos discípulos e enxugou-os com a toalha (Jo 13, 4-12), é, naturalmente, entendido como um acto de humildade. De facto, a lavagem dos pés era uma prática habitual desde os tempos de Abraão (cf. p.ex. Génesis 18, 3-5), mas a dos próprios pés e não os de outros, pois esta tarefa era executada apenas pelos servos (1 Samuel 25, 41). Jesus, ao lavar os pés dos discípulos, equiparou-se a um servo.

Penso que este episódio representa um acto de humildade, mas muito mais – é, essencialmente, um acto iniciático que João, o mais alto iniciado de entre os evangelistas canónicos, quis deixar expresso.

Na fase iniciática que suponho estar aqui indicada, o candidato tirava as vestes e cobria-se com um lençol, como refere Marcos no seus dois evangelhos, o canónico (Mc 14, 51-52) e o secreto (vidé meu artigo *O Evangelho Secreto de Marcos*), sendo a seguir induzido num estado alterado de consciência pelo hierofante; o facto de ter sido Jesus quem se despiu e cobriu com uma toalha é, em minha opinião, uma imagem invertida da realidade.

Este episódio invoca uma fase anterior da iniciação. Os pés são como que um microcosmo do corpo por onde passam o que a Medicina Tradicional Chinesa denomina meridianos, e que são canais por onde circula a energia vital. Se se pressionarem determinados pontos dos pés (os *tsubôs*), segundo técnicas específicas, não só se provoca um aumento do fluxo de energia vital como se restabelece a sua circulação quando interrompida por um qualquer bloqueio. Jesus, ao lavar os pés dos discípulos, terá feito, essencialmente, aquilo que hoje se denomina uma massagem *shiatsu*, tendo em vista um incremento de energia vital favorável à iniciação dos seus discípulos.

As “ressurreições”

As “ressurreições” – termo que coloco entre comas porque, na verdade, não se trata de fazer com que um morto volte à vida, mas sim de uma determinada fase da via iniciática dos mistérios menores ou maiores - são os “milagres” mais espectaculares narrados pelos evangelhos canónicos, mas que não passam de dois: a “ressurreição” da filha de Jairo (Mt 9, 18-26, Mc 5, 35-43 e Lc 8, 49-56), e a de Lázaro (Lc 7, 11-17, Jo 11, 1-44 e Marcos no seu *Evangelho Secreto*), os quais estão interpretado no meu artigo *A “Ressurreição” de Lázaro*, para o qual remeto o leitor mais interessado.

VI

Termino esta interpretação dos evangelhos canónicos com as palavras que Max Heindel pronunciou a este respeito: *Os evangelhos não são simplesmente histórias da vida de um indivíduo; representam, dramaticamente e por símbolos, incidentes da via do conhecimento; são fórmulas de iniciação*¹⁷.

Janeiro de 2010

¹⁷ In *RCPH Q&A, I, Q. 94 - The Gospels are not simply stories of the life of an individual; they depict dramatically and in symbol the incidents in the path of attainment; they are formulae of initiation.*

Bibliografia

- *A Bíblia*, S. Paulo, Brasil, *Editora Abril*, 1965
- *A Bíblia Sagrada*, trad da *Vulgata Latina* pelo P^o. António Pereira de Figueiredo, Lisboa, *Depósito das Escrituras Sagradas*, 1926.
- *A Bíblia Sagrada*, Lisboa, *Difusora Bíblica*, 1982.
- *O Evangelho de Jesus*, co-edição de *Edições Paulinas*, Caxias do Sul, RS, Brasil, e *Instituto de S. Gaetano*, Vicenza, Itália, 1971
- *Novo Testamento*, 12^a ed., Lisboa, *Difusora Bíblica*, 1979.
- Annie Besant, *O Cristianismo Esotérico*, São Paulo, Brasil, *Editora Pensamento*, s/data.
- António de Macedo, *Laboratório Mágico*, Lisboa, *Hugin Editores, Lda*, 2002
- Elsa Glover, *An Interpretation of the Revelation to John*, in *Western Wisdom Bible Study*, edição *ebook* de The Rosicrucian Fellowship, Oceanside, CA, USA, s/data.
- Ernest Renan, *The Life of Jesus*, edição *ebook*, s/data.
- *Irenaeus Against Heresies*, versão *ebook* em inglês, in <http://www.ccel.org/fathers/ANF-01/iren/>.
- Max Heindel, *Masonry and Catholicism*, edição *ebook* de The Rosicrucian Fellowship, Oceanside, CA, USA, s/data.
- Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*, 28^a ed., Oceanside, CA, USA, The Rosicrucian Fellowship, 1973.
- Max Heindel, *The Rosicrucian Philosophy in Question and Answers*, Vol. II (*Q & A, II*), edição *ebook* de The Rosicrucian Fellowship, Oceanside, CA, USA, s/data.
- Montague Rhodes James, *The Apocryphal New Testament*, Londres, *Oxford University Press*, 1975.
- Pierre Crépon, *Les Evangiles Apocryphes*, Paris, *Editions Retz*, 1983
- Rudolf Steiner, *Christianity as Mystical Fact*, edição *ebook*.
- Rudolf Steiner, *O Evangelho segundo João (Das Johannes-Evangelium)*, 2^a ed., trad. Jaeira Cardoso, S. Paulo, Brasil, *Editora Antroposófica*, 1996.
- Rudolf Steiner, *O Evangelho segundo Mateus (Das Matthaus Evangelium)*, 2^a ed., trad. Jaeira Cardoso, S. Paulo, Brasil, *Editora Antroposófica*, 1997.
- Santo Agostinho, *Les Rétractations*, trad. M. Henry de Riancey, versão *ebook* em francês in <http://www.multimania.com/abbayestbenoit/augustin/retractationes/>

Reflexões de um Estudante Rosicrucista

Por

António Monteiro

- Volume I [Síntese do Conceito Rosacruz do Cosmos](#)
- Volume II [Christian Rosenkreutz - Estudo Biográfico](#)
- Volume III [A Ressurreição de Lázaro](#)
- Volume IV [O Nome Germelshausen](#)
- Volume V [A Tábua de Esmeralda](#)
- Volume VI [Os Versos de Ouro de Pitágoras](#)
- Volume VII [Os Mistérios, Um Poema Inacabado de Goethe](#)
- Volume VIII [O Evangelho Secreto de Marcos](#)
- Volume IX [O Evangelho de Judas](#)
- Volume X [O Evangelho de Tomé](#)
- Volume XI [Maria Madalena e o Santo Graal - Uma Análise Especulativa de "O Código de Da Vinci"](#)
- Volume XII [As Imagens de Jesus](#)
- Volume XIII [Interpretação do Fausto, de Goethe](#)
- Volume XIV [Max Heindel - Uma Pequena Biografia](#)
- Volume XV [A Evolução do Homem no Globo D - Correlação entre as investigações ocultas e antropológicas](#)
- Volume XVI [As Aparições da Cova de Iria](#)
- Volume XVII [Os Evangelhos Canónicos](#)

As opiniões expressas nesta série são de inteira responsabilidade do autor .

Edição digital publicada com a autorização do autor. E-Book gratuito. Pode ser compartilhado sem fins comerciais.



Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210

Telefone celular: (21) 9548-7397 E-mail: rosacruznhrio@gmail.com www.fraternidaderosacruz.org

Filiada a Rosicrucian Fellowship
2222 Mission Avenue, Oceanside, CA 92058, USA
(760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)
www.rosicrucian.com www.rosicrucianfellowship.org